



EPISTOLOGRAFIA DIPLOMÁTICA E COMUNICAÇÃO POLÍTICA DA MONARQUIA CONGO (1506-1543)

José Mateus Francisco¹
Nuno De Pinho Falcão²

RESUMO

A partir das décadas de 1480/90, com os primeiros contatos entre os exploradores portugueses e a monarquia Congo, inicia-se a tentativa lusitana de implementar o projeto político pensado nos reinados de D. João II (1481-1495) e D. Manuel I (1495-1521) e que visava a constituição de uma rede de estados aliados e/ou dependentes, que garantissem fluxos comerciais e a construção da influência portuguesa na região. Dentro deste projeto destaca-se o objetivo, muito claro no reinado de D. Manuel I, de utilizar a religião como forma privilegiada de implementar um processo de aculturação, focado em lusitanizar as estruturas de poder na costa ocidental da África central, facilitando desse modo o crescimento da influência externa da monarquia portuguesa e dos seus representantes. A conversão do Manicongo Nzinga a Nkuwu ao cristianismo em 1491, ainda que não permanente, tem associada a conversão do seu filho Mvemba a Nzinga, batizado como Afonso, e cujo reinado de quase quatro décadas (1506-1543) marca não apenas a formal cristianização da cúpula do poder Congo, mas igualmente (e em estreita relação) a tentativa de transformação das estruturas tradicionais de organização do poder, bem como as regras de sucessão monárquica. Dentro deste processo, marcado pela forte agência política do Manicongo Afonso I, foi estabelecido um regular contato epistolar entre as monarquias congoleza e portuguesa, refletida no substancial número de cartas trocadas entre estes dois poderes, traduzindo um diálogo mediado pela atuação dos clérigos que atuaram junto do monarca congolês.

Palavras-chave: Congo; Diplomacia; Agência Histórica; Cristianização.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Campus dos Malês, Discente,
zefacefrancis97@gmail.com¹

Universidade de Integração Internaional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Campus dos Malês, Docente,
nunopinhofalcao@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A relevância histórica da monarquia Congo, e o papel das suas relações com a coroa portuguesa, com os seus agentes políticos e religiosos, bem como com os mercadores e traficantes portugueses (categorias que, no seu conjunto, eram intercambiáveis), está bem patente no número de estudos que lhe foram dedicados desde o séc. XIX. Se um conjunto de trabalhos foi desenvolvido em contexto colonial (pensem-se, apenas como exemplo, os trabalhos do Visconde de Paiva Manso, de Olivier de Bouveigne, de Jean Cuvelier ou de Louis Jadin), a moderna historiografia tem-lhe dedicado uma crescente atenção, com abordagens que se aproximam de uma necessária leitura decolonizada da história do Congo, e que convida a uma recentração mais completa das análises na agência histórica congoleza.

Os trabalhos de John Thornton e de Linda Heywood nos Estados Unidos, de Marina Mello e Souza no Brasil e de António Custódio Gonçalves em Portugal, são exemplos cabais da nova atitude de pesquisa sobre um tema que passa agora a ter o seu foco de centração na história congoleza, e que não é mais entendida como derivante das histórias das potências coloniais que pretenderam dominar os seus territórios e populações.

A chegada de exploradores portugueses à foz do rio Zaire na década de 1480, a que se seguiu o estabelecimento de contatos com as estruturas políticas da monarquia Congo, levou a que a coroa portuguesa (então governada pelo rei D. João II) procurasse estabelecer no Congo o projeto que tentara anteriormente aplicar em outros territórios africanos. Era objetivo das autoridades portuguesas estabelecer vínculos de dominação centrados num processo de aculturação das estruturas políticas africanas ao modelo de governação português, processo que passaria antes de mais pela adesão ao cristianismo professado pelo estado português. O papel da religião seria fundamental, pois a indissolúvel relação entre a coroa portuguesa e a Igreja, no antigo regime monárquico, implicou que o processo expansionista, desenvolvido pela monarquia a partir das primeiras décadas do séc. XV, tivesse associado ao projeto político, militar e económico uma dimensão religiosa.

Sendo a pertença religiosa um elemento dominante da identidade coletiva da comunidade nacional portuguesa (elemento que, precisamente no final do séc. XV, é aprofundado até ao extremo da legislação manuelina que obrigou à conversão dos portugueses não-cristãos), terá um papel nos processos de afirmação do domínio ultramarino português e de aculturação que a coroa portuguesa procurará implantar. A abertura que o reino do Congo demonstrou, desde os primeiros contatos estabelecidos nas viagens de Diogo Cão, levou a coroa portuguesa a tentar implantar no seu território um projeto de assimilação política e cultural, com uma proposta simultânea de lusitanização das estruturas de estado e de pertença religiosa. Num primeiro momento o processo parece ter, para as autoridades portuguesas, possibilidade de concretização, entendimento para o qual contribuiu a conversão do mani congo Nzinga-a-Nkuwu, a quem foi dado no batismo o nome do rei português, João, numa clara demonstração do projeto político subjacente.

Com esta conversão (que será de curta duração), bem como a da rainha e de alguns dos filhos do monarca, acreditou a coroa portuguesa que poderia alcançar o seu objetivo de alargar os limites do padroado dos territórios ultramarinos que lhe fora concedido pela Santa Sé, bem como resolver a sentida necessidade de encontrar em África estruturas políticas que, sob a influência portuguesa, servissem regionalmente os interesses de construção do império ultramarino português. Como Thornton, Mello e Souza e Custódio Gonçalves tiveram a oportunidade de salientar, o objetivo de subordinar a monarquia Congo diretamente aos interesses portugueses, dentro de uma lógica de vassalagem, nunca será alcançado, malgrado às tentativas das autoridades coloniais portuguesas, bem como do seu poder central. Tal criou a particularidade da monarquia Congo se colocar em posição de rejeitar a influência política portuguesa, mas mantendo uma relação com o cristianismo transportado pelos portugueses, como forma de política de estado e base das relações internacionais, nomeadamente com a Santa Sé.



Esta dualidade, da rejeição da influência política portuguesa, mas parcial aceitação do cristianismo, consubstanciou-se no processo de cristianização da coroa Congoleza e de parte da elite (que, entenda-se, não alcançará uma ampla difusão) a partir da atuação do sucessor de Nzinga-a-Nkwu, o seu filho Mvemba-a-Nzinga (Afonso I). Para o novo monarca, subido ao trono em 1506, a assunção de uma identidade de rei cristão permitiu não só marcar a diferença em relação ao seu irmão (e competidor na sucessão monárquica) Mpanzu-a-Nzinga, como permitiu prosseguir uma política que visava alterar os tradicionais equilíbrios do poder no Congo. De um sistema de carácter horizontal, procurava-se agora hierarquizar o poder num sistema vertical, numa pirâmide em cujo vértice se situaria isoladamente o mani congo, que deste modo se afastava de um sistema tradicional de poder assente nas lógicas linhagistas, de um poder eletivo e partilhado, como ficou bem patente na análise feita por António Custódio Gonçalves (1985).

Se durante o reinado de Afonso I do Congo a coroa portuguesa, por via dos seus enviados e de um conjunto de documentos (os Regimentos que eram dados aos enviados régios portugueses ou diretamente dirigidos ao monarca congolês), procura direcionar o mani congo para o sistema político, administrativo e normativo que rege a governança em Portugal, a coroa congoleza incide parte do seu interesse na questão religiosa. Afonso I rejeita formalmente a religião tradicional congoleza, promove o culto cristão e favorece a prática de ensino portuguesa entre os jovens da elite congoleza, nomeadamente visando a ordenação sacerdotal de alguns deles, na perspectiva da criação de um clero africano.

Este processo duplo, em que a monarquia portuguesa procura implementar no Congo uma política de dominação indireta, e em que a monarquia Congo procura canalizar para a política interna os influxos externos veiculados pelos portugueses, particularmente a religião, constrói-se ao longo de quatro décadas uma ampla relação epistolar, entre Afonso I do Congo e os reis portugueses Manuel I e João III. A correspondência entre as duas coroas está publicada por António Brásio na "Monumenta Missionaria Africana", e tem sido fonte utilizada pelos historiadores que se dedicam ao Congo no séc. XVI, nomeadamente aqueles que se mencionaram anteriormente.

Trata-se de um diálogo epistolar mediado, já que é de supor que entre emissor e receptor estaria uma figura intermédia, provavelmente um missionário, que funcionava como tradutor de mundos, adaptando os discursos para uma comunicação mais eficaz entre as partes. É o que se depreende da menção à escrita das cartas do mani congo por clérigos que viviam junto de si, e que as produziram segundo um modelo de escrita consagrado na corte portuguesa, e que igualmente faziam o papel inverso ao traduzir as cartas dos reis portugueses dentro do quadro da mundividência congoleza.

METODOLOGIA

Nos primeiros seis meses de implementação do projeto, nossas atividades concentraram-se de modo peculiar nos seguintes aspectos:

1. Identificação do corpo documental a ser trabalhado no projeto: esta atividade teve como principal objetivo identificar o conjunto de documentos/cartas trocadas durante o reinado de dom Afonso I rei do Congo (1506 - 1543) com a monarquia portuguesa. Focamo-nos em saber: quais são os conjuntos de cartas? onde estão? quem as escreveu? quais os principais remetentes e destinatários?
2. Leituras das fontes e recolha dos dados a sistematizar: identificada as principais fontes documentais, deu-se início a leituras minuciosas destas cartas com o objetivo de sistematizar dos dados delas recolhidas.
3. Leituras contextualizadas: paralelamente a recolha e sistematização das fontes, iniciou-se uma vasta leitura de algumas obras de autores que se dedicaram no estudo do reino do congo, a exemplo de Jonh K. Thornton; Marina de Mello e António Gonçalves, só para citar alguns.
4. Formulação das questões norteadoras da pesquisa e dos instrumentos de sistematização da informação



(bases de dados): foi possível nestas atividades a construção de dois bancos/bases de dados que contêm todas as informações das fontes recolhidas entre 1506 - 1543.

No segundo momento da pesquisa, isto é, nos seis últimos meses da pesquisa, aprofundamos nossas releituras das cartas que nos propusemos a trabalhar paralelamente com as leituras da bibliografia. Concomitantemente a estas atividades, demos início a produção do artigo científico e da preparação e organização de um webinar, que visou apresentar os resultados parciais da nossa pesquisa. O evento realizado denominado: Monumenta Missionária Africana e Pesquisa em História da África, um campo de possibilidade? Contou com a participação de outros pesquisadores, nomeadamente: Patrícia Teixeira Santos, professora e pesquisadora da UNIFESP; Lúcia Helena Oliveira Silva, Livre Docente da UNESP-Assis, e de Tomás Mota Tassinari, do Instituto Universitário Europeu (Florença). Nesta ocasião, participou também o professor coordenador do projeto, Nuno de Pinho Falcão, e o bolsista do programa José Mateus Francisco, onde tivemos a oportunidade de mostrar a construção da pesquisa e os resultados até então alcançados. O evento foi divulgado pelos principais canais da Universidade e pelas redes sociais. O evento contou com um quantitativo de estudantes bastante significativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa do projeto os resultados alcançados foram bastante promissores. Como formas de responder as questões norteadoras da pesquisa, fez-se a construção e sistematização dos dados recolhidos em duas bases de Excel e um quadro de resumo dos principais assuntos tratados nas cartas. Na primeira base de dados sintetizamos, exaustivamente, todos os dados pertinentes para a análise das cartas identificadas do período que corresponde ao reinado de D. Afonso I (1506-1543). Identificamos ainda os títulos das cartas; as páginas a que se encontram na Monumenta Missionária Africana; data de escrita; redator; remetente e destinatários. Na segunda base

de dados, alimentada com os dados da primeira, procuramos uma abordagem estatística ao corpo documental analisado, o que obtivemos quando sistematizamos o número de cartas em intervalos temporais de 10 anos. O objetivo foi obter uma visão da incidência documental organizada em intervalos de temporais, para uma melhor apreciação cronológica do movimento epistolar da coroa do Congo com a portuguesa, e assim perceber os picos dessa relação diplomática em forma de carta.

Levando em conta a delimitação temporal que nos propusemos a trabalhar (1506 - 1543), propriamente o reinado de dom Afonso I do Congo, foram ao todo identificadas 37 cartas na Monumenta Missionária Africana do padre António Brásio. Dos vinte e dois volumes da Monumenta Missionária Africana publicada por António Brásio, em apenas 3 volumes encontramos as correspondências sobre este período em análise:

1. o volume I: África Ocidental (1471 - 1531);
2. o volume II: África Ocidental (1532 - 1569) e;
3. o volume XV: que cobre um período que vai do séc. XV ao séc. XVII.

O primeiro volume sistematizado em nosso banco de dados contém ao todo vinte e sete cartas. Já o segundo volume contém oito cartas e o décimo quinto volume com apenas duas cartas. No primeiro momento de sistematização dessas informações foi crucial pois, nos possibilitou agrupar os dados recolhidos e ter noções do teor de cada uma das cartas identificadas. Desta forma, cumpriu-se com o objetivo de saber onde estão essas cartas, quem as enviou e recebeu e, não menos importante, o local de sua produção.

Com estas informações, é possível ter noção do quantitativo de cartas trocadas entre essas duas coroas no período de 1505 s 1543. Uma vez que o reinado de dom Afonso I do Congo abarca os reinados de dom Manuel I (1495 - 1521) e dom João III (1521 - 1557) ambos de Portugal, será possível outrossim mensurar o quantitativo de cartas trocadas ao



longo de cada reinado. O segundo momento do projeto foi de grande importância, pois, permitiu a consolidação da sistematização dos dados recolhidos em base de Excel, bem como deu-se início a produção de um artigo científico. O artigo científico, que se constituirá como um capítulo de um livro coletivo a ser publicado pela editora da Universidade do Porto, em obra coordenada, entre outros, pelo Professor orientador deste projeto, está em fase de desenvolvimento, de modo a poder conter no seu articulado um diálogo com outros trabalhos do mesmo livro, mas também para a adequação das normas específicas da referida editora. Assim que esteja publicado, será o mesmo encaminhado à PROPPG da UNILAB, sendo que constará no mesmo texto o financiamento do projeto PIBIC, como previsto na normativa. Foi possível também a preparação de um webinar realizado a 27 de setembro de 2022, que para além da participação do professor coordenador do projeto e do estudante bolsista, contou-se com a participação de outros professores pesquisadores como destacado mais acima.

CONCLUSÕES

A pesquisa desenvolvida ao longo dos 12 meses do programa contribuiu significativamente para a introdução do estudante bolsista na pesquisa histórica. Um dos principais resultados dela foi o aprofundamento do conhecimento do teor das documentações referente ao período pesquisa, assim como foi possível conhecermos o quantitativo de correspondência diplomática trocada entre 1506-1543. Os resultados da pesquisa serão publicados em forma de artigo científico, que fará parte do capítulo de um livro coletivo a ser publicado pela editora da Universidade do Porto, cujo mesmo encontra-se em fase de desenvolvimento finais. O estudo das cartas presentes na Monumenta Missionária Africana permitiu também desenvolvimento de outros trabalhos, como a criação de pré-projetos submetidos a processos seletivos de mestrados, cuja análise seguem algumas discussões que demos início na presente pesquisa, assim como foi possível usarmos das informações contidas na nossa base de dados para construção do trabalho de conclusão de curso, que analisa o tráfico de escravos no reino do Congo através da correspondência diplomática entre a coroa portuguesa e congoleza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Unilab pelo financiamento da pesquisa intitulada "Epistolografia diplomática e comunicação política da Monarquia Congo (1506-1543)" e executada entre 01/10/2021 e 30/09/2022, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic).

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, António Custódio. *A História Revisitada do Kongo e de Angola*. Lisboa: Presença, 2005.
- GONÇALVES, António Custódio. *Kongo, le lignage contre letat. Dybamique politique Kongo du XVIème ao XVIIIème siècle*. Évora: Universidade de Évora/ Instituto de Investigação científica Tropical, 1985
- SOUZA, Marina de Mello e. *Catolicismo e comércio na região do Congo e de Angola, séculos XVI e XVII*. In *Nas rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: EDUFES, 2006.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Catolicismo e poder no Congo: o papel dos intermediários nativos, séculos XVI a XVIII*. In *Anos 90*, vol. 21, n.º 40. Porto Alegre: PPG-UFRGS, 2014 .pp. 51-63.



SOUZA, Marina de Mello e. Religião e poder no Congo e Angola, séculos XVI e XVII universo mental e organização social. In O governo dos povos. São Paulo: Alameda, 2009.

THORTON, John. "The Correspondence of the Kongo Kings, 1614-35: Problems of Internal Written evidence on a

Central African Kingdom. In Paideuma: Mitteilungen zur Kulturkunde, n.º 33. Frankfurt: Frobenius Institute, 1987.

THORNTON, John. The development of an African Catholic Church in the Kingdom of Kongo, 1491-1750. In Journal of African History, n.º 25. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. pp.147-167.

THORNTON, John. África e Africanos na Formação do Mundo Atlântico, 1400-1800. Rio de Janeiro: Estampa, 2004.